

## **As três ecologias de Félix Guattari: filosofia pensando a ecologia**

*The three ecologies by Félix Guattari: philosophy thinking ecology*

Wagner Alves Reis

Mestre em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, Bahia, Brasil.

[warhistoria@gmail.com](mailto:warhistoria@gmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/2288935043459334>

### **Resumo**

As teorizações e ações políticas para entender e interferir na crise ecológica que marca a geração entre a segunda metade do século XX e as primeiras décadas do XXI são fundamentadas por uma ineficácia epistemológica que analisa apenas uma dimensão da ecologia: o meio ambiente. A possibilidade de compreender a crise ecológica a partir de três registros ecológicos articulados entre si pelo conceito Ecosofia, de Félix Guattari. A leitura de textos produzidos individualmente por Guattari e em parceria com Gilles Deleuze ao longo dos anos 1980 e 1990 serviu de fundamentação teórica para o desenvolvimento da discussão. O vínculo entre as ecologias mental, social e ambiental defendida por Guattari é uma perspectiva eficaz para entender a crise ecológica porque oferece uma visão ampla dos elementos que a compõem. O momento atual ainda não conseguiu sentir o eco ecosófico proposto Guattari devido à permanência de um olhar míope e restrito sobre a realidade.

**Palavras-chave:** Ecologia. Ecosofia. Capitalismo. Filosofia.

### **Abstract**

The theorizations and political actions to understand and interfere in the ecological crisis that mark the generation between the second half of the XX century and the first decades of the XXI are based on an epistemological inefficiency that analyzes only one dimension of the ecology: the environment. The possibility of understanding the ecological crisis from three ecological records articulated among themselves by the concept Ecosofia, by Felix Guattari. The reading of texts produced individually by Guattari and in partnership with Gilles Deleuze throughout the 1980s and 1990s served as a theoretical basis for the development of the discussion. The link between the mental, social and environmental ecologies defended by Guattari is an



effective perspective to understand the ecological crisis because it offers a broad vision of the elements that compose it. The current moment has not yet been able to feel the echo ecosófico proposed Guattari due to the permanence of a narrow and myopic look on the reality.

**Keywords:** Ecology. Ecosophy. Capitalism. Philosophy.

## 1 Introdução

Milhares de pessoas no mundo acometidas por diversas doenças psíquicas experimentando as agruras e angústias que as acompanham... Uma geração inteira da era da informática mergulhada na pseudosubjetividade das redes sociais e do consumismo “capitalístico” embutido em suas efêmeras relações...

Em todos os cantos do planeta centenas de grupos humanos sem perspectivas de vida em razão da desapropriação de condições materiais básicas de subsistência, sentido os efeitos do desemprego, da fome, da miséria, das epidemias, dos conflitos civis...

A natureza em todo o globo terrestre sendo objeto de uma ação humana devastadora que asfixia suas riquezas, desequilibra seu processo de renovação, afeta nocivamente a biodiversidade de todos os ecossistemas, altera o convívio do meio ambiente com a humanidade...

Os três breves relatos apresentados acima revelam grupos diferentes de problemas graves que afetam os seres humanos em suas relações consigo mesmo (dimensão mental), com outros (dimensão social) e com a natureza (dimensão ambiental). A tendência de análise sobre os três níveis de crise segue uma lógica fragmentada na qual cada tipologia de problema recebe a atenção de saberes específicos e afins. Dessa forma, enquanto as ciências “psi” se dedicam em procurar soluções e amenidades para entender os problemas do primeiro grupo. No que diz respeito ao segundo conjunto, cabe às ciências sociais, como o Direito, Economia, Demografia, Sociologia entre outras, se ocuparem em apresentar caminhos e metas para solucionar seus problemas. E quanto às ciências “bio”, como Zoologia, Oceanografia, a própria Biologia, cabem pontuar estratégias e orientações para lidar com os problemas do último grupo.

Félix Guattari, autor que fundamenta a presente discussão, afirma que esta postura compartimentalizada não resolve os problemas específicos de cada grupo, justamente em razão de não serem “específicos” e estanques. São três faces de um mesmo problema. Só seria possível entendê-las percebendo a relação intrínseca que possuem e exercem entre si. “É exatamente na articulação: da subjetividade em estado nascente, do *socius* em estado mutante, do meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado, que estará em jogo a saída das crises maiores de nossa época”.



(1990, p. 55). Por isso, as questões que se levantam são as seguintes: Seria possível reunir estes três níveis de problemas num conjunto ainda maior e classificá-los como ecológicos? Existe uma conexão entre as crises no nível mental, social e ambiental?

O desafio que o presente artigo se propõe encarar consiste em abordar filosoficamente os problemas descritos a partir do conceito *ecosofia* criado pelo filósofo francês Félix Guattari a partir de sua obra “As três ecologias”. A opção por este livro justifica-se pela mínima ou quase nula produção filosófica a respeito do tema ecologia e meio ambiente. Sendo, portanto, um texto muito sugestivo, seja pela sua proposta teórica, pelo título que possui e até pelo caráter atual da discussão que apresenta.

Decerto, para lograr a intenção desse texto, foi necessário “dá a mão” e embarcar como carona acompanhando Guattari numa viagem literária. No trajeto, visitamos uma ou duas obras em ele foi o único condutor, e outros trabalhos nos quais dividiu com seu parceiro de escrita, Gilles Deleuze. Nesta viagem vários *suvenires* foram adquiridos e contribuíram significativamente para aguçar o olhar sobre a análise guattariana sobre a crise ecológica. Por isso ao longo do diário de bordo que ora apresento procurei esclarecer conceitos como *rizoma*, *transversalidade*, *nômade*, *ritornelo*, *intermezzo*, e, o já citado, *ecosofia*. Estes conceitos são básicos para visualizar e compreender qualquer roteiro de viagem na companhia de Guattari.

O texto inicia com uma abordagem preliminar sobre como o tema da ecologia aparece na produção filosófica ao longo de sua história e como o mesmo surge e se apresenta nas discussões realizadas por Guattari, em decorrência do tipo de reflexão teórica que povoou e caracterizou os debates em torno da ecologia entre as décadas de 1960 a 1980. Num segundo momento, fez-se necessário traçar o perfil teórico e conceitual que se tornou marca registrada do pensamento e da epistemologia de Guattari, principalmente em sua profícua parceria com o também filósofo Gilles Deleuze. Para tanto, esclareço a relação imprescindível que os termos *rizoma*, *nomadismo*, *transversal* e *intermezzo* possuem na reflexão filosófica desenvolvida por Guattari, e como tais conceitos são fundamentais para compreender o conceito básico de *ecosofia* que Guattari apresenta para justificar a articulação das três ecologias. E finalmente, a discussão das três ecologias é contextualizada e minuciosamente apresentada na última parte, na qual se esclarece como o conceito de *ecosofia* articula o diálogo com os aspectos mental, social e ambiental da ecologia, nunca linear e fechada com início, meio e fim; mas sempre numa relação aberta, de ir e vir, num interminável retorno, *ritornelo*.



Por isso, antes de prosseguir na leitura desse relato de viagem é imprescindível que componha sua bagagem com os itens básicos sugeridos e logo em seguida, que esteja disposto a interpretar e inferir sobre a realidade humana e natural partindo sempre de outras perspectivas, que autonomizem o exercício racional e empático que o ser humano deve desenvolver.

## 2 Ecosofia: A Filosofia pensando as relações ecológicas

### 2.1 - Filosofia e ecologia: problemas, abordagens e possibilidades

É possível abordar o tema da ecologia sem se referir apenas aos problemas especificamente ambientais? Para além da discussão restrita ao ambiente natural, existem outros campos de reflexão e ação ecológica? Inferências sobre subjetividade humana e relações sociais estão implícitas no discurso ecológico explicitamente ambientalista? E se estão presentes no debate ecológico, por qual razão não são veiculadas notícias nem pesquisas que apontem para um vínculo da ecologia com a dimensão individual e social do ser humano?

A possibilidade de resposta a tais perguntas exige de quem a propõe buscá-la percorrer um caminho na contramão das discussões e debates que existem acerca da temática ecológica. Propor estas questões em si já configura uma postura divergente da estabelecida por diversas áreas do conhecimento desde que o meio ambiente e ecologia ganharam maior importância e visibilidade ao longo dos últimos quarenta e cinco anos.<sup>1</sup>

Quando Nicola Abragnano (2007, p. 298) propõe em seu Dicionário de Filosofia, que *ecologia* se trata do “Estudo das relações entre o organismo vivo e seu ambiente, que constitui parte fundamental da biologia; ou estudo das relações entre o homem como pessoa e seu ambiente social, que constitui parte da sociologia. Essa palavra é moderna<sup>2</sup> e foi introduzida pelos anglo-saxões.”. É necessário pontuar algumas explicações preliminares a fim de compreender os motivos para a ausência de discussões e teorizações sobre esse conceito no decurso da história da filosofia. Primeiro, conforme o verbete exposto por Abragnano, ecologia - além de constituir parte de duas ciências, a biologia e a sociologia - possui sua origem na era moderna.

---

<sup>1</sup> O meio ambiente tornou-se um tema relevante a nível geopolítico a partir da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano – United Nations Conference on the Human Environment (UNCHE), em junho de 1972, em Estocolmo. E voltou a ser discutido reiteradamente em novas conferências, como a Conferência sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO), de 1992 no Rio de Janeiro; Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente e Desenvolvimento Sustentável em Joannesburgo, em 2002; Conferência sobre o Desenvolvimento Sustentável, novamente no Rio de Janeiro, em 2012.

<sup>2</sup> O termo ecologia foi criado provavelmente na segunda metade do século XIX.



É muito provável que a filosofia, em sua trajetória histórica, não tenha se debruçado sobre a ecologia devido ao caráter evidentemente mais biológico que a envolve. Não obstante a dimensão social que a sociologia lhe confere, o aspecto natural sobrepõe uma conotação mais física. Os grandes temas que foram desenvolvidos pela filosofia se concentraram, na metafísica, na teoria do conhecimento, na existência de Deus, na origem e legitimação do Estado, nas relações entre ética e política entre outros. E mesmo os “filósofos naturalistas”<sup>3</sup> – anteriores a Sócrates – que observam a natureza para dela abstrair a noção ou suporte teórico para fundamentar a elaboração racional do “princípio” (arque) de todas as coisas existentes, não abordaram a natureza numa perspectiva ecológica conforme o sentido que o termo possui atualmente. Dessa forma, depois dos filósofos naturalistas a filosofia se dedicou a outros temas, entre os quais a natureza aparentemente não mereceu atenção. Portanto, a relevância de outros temas e o fato da ecologia ser um conceito moderno; ou seja, de não ter se desenvolvido em épocas anteriores reforça e justifica a subalternidade em que foi submetida por séculos de história do pensamento filosófico.

No entanto, mesmo sendo uma palavra moderna, somente a partir da segunda metade do século XX, discussões geopolíticas sobre ecologia foram oficializadas pela Organização das Nações Unidas (ONU)<sup>4</sup>. Dos filósofos contemporâneos aos fenômenos históricos que serviram para circunscrever as bases teóricas que fundamentaram o desenvolvimento do conceito ecologia – assim como seus antecessores - também não se ocuparam em inserir em seus estudos temas ecológicos. O entendimento sobre esse desinteresse generalizado da filosofia pela ecologia não se esgota com a presente discussão. *Primeiro* porque este artigo não possui tal objetivo; *segundo*, devido à necessidade de pesquisa ampla e minuciosa sobre possíveis abordagens que porventura tenha existido entre os filósofos contemporâneos; e, *terceiro*, porque o que se propõe nas próximas páginas é mostrar que, não obstante, a ausência majoritária do tema ecologia entre as grandes correntes, autores e sistemas filosóficos, ela ganha destaque merecido – talvez tardio ou no momento certo – com o filósofo francês Felix Guattari.

Entretanto, é imprescindível situar as circunstâncias históricas que estimularam o mencionado pensador em dedicar uma obra específica sobre a crise ecológica que marcava o último quartel do século XX, antes de apresentar e analisar a contribuição teórica que a filosofia, a partir de Guattari, oferece para ampliar a compreensão sobre ecologia.

---

<sup>3</sup> Filósofos da Physis: Tales de Mileto. Anaximandro, Anaxímenes, Empédocles, Demócrito, Anaxágoras.

<sup>4</sup> VER NOTA 2 sobre as conferências da ONU.



## 2.2 Félix Guattari: filósofo “nômade”, “rizomático” e “transversal”

A vida do nômade é *intermezzo*<sup>5</sup>  
Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio,  
entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*.<sup>6</sup>  
[A transversalidade implica em ser *intermezzo*.]<sup>7</sup>

Pierre-Félix Guattari (1930-1992) possui formação em psicanálise desde a década de 1960; transitou pela filosofia; atuou como militante revolucionário em várias frentes ao longo de toda sua vida; participou de organizações tradicionais de sua época; e colaborou em diversos movimentos políticos. Esta brevíssima descrição biográfica não faz jus à envergadura do pensador, mas para fins de atender os objetivos do presente texto permite ao menos a possibilidade de visualizar a versatilidade de Guattari como um homem de movimentos, que transitou em diversas aventuras teóricas e políticas.

A versatilidade que caracteriza o pensamento e a atuação de Guattari está intrinsecamente ligada à tríade conceitual (pensamento nômade – rizoma – transversalidade). Os três conceitos criados - seja sozinho ou em parceria com Gilles Deleuze – possibilitam compreender a amplitude teórica que Guattari atribuiu ao conceito ecologia. Convém antes esclarecer, mesmo que timidamente, as características de cada conceito e ilustrar a intercessão e o que há de comum e correlato entre eles.

Por pensamento nômade, Guattari em parceria com Deleuze, afirma ser o tipo de pensamento que não se fixa num campo de saber fechado, como um ponto de chegada definitivo, do qual não se espera mais novas possibilidades de discussão. “O trajeto nômade faz o contrário, *distribui os homens (ou os animais) num espaço aberto, indefinido.*” (1997, p. 44). O pensamento nômade consiste em processo constante, em afetação que se dá no encontro, em contínuo trajeto. Trata-se de estar sempre entre duas possibilidades, mas independente delas possuírem a capacidade de decidir optar ou não por elas. “Um trajeto está sempre entre dois pontos, mas o entre-dois tomou toda a consistência, e goza de uma autonomia bem como de uma direção próprias.” (1997, Vol. 5, p. 42).

Este caráter *nômade* do pensamento está estritamente ligado ao conceito *rizoma*<sup>8</sup> e, certamente na mesma lógica, também estabelece uma interface com o conceito *transversalidade*, termo que

---

<sup>5</sup> Mil platôs, Vol. 5., 1997, p. 42

<sup>6</sup> Mil platôs, Vol. 1., 1995, p. 36.

<sup>7</sup> Adaptação do próprio autor. Considerando a lógica e o sentido comum presente nos conceitos “nômade” e “rizoma” através do termo “*intermezzo*”, é possível construir uma proposição – como a apresentada acima – associando também o termo “*intermezzo*” com o conceito “transversalidade”.

<sup>8</sup> O conceito “*rizoma*” é apresentado por Guattari pela primeira vez no livro que publicou em 1976, cujo título é o próprio conceito. Anos mais tarde em parceria com Deleuze, Guattari aprofunda o conceito na obra *Mil platôs*, dividida em cinco



aparece no binômio que dá título a uma das primeiras obras de Guattari, *Psicanálise e transversalidade*, de 1972. Sendo assim, quando Guattari e Deleuze desenvolvem o conceito de pensamento nômade, estão certamente envolvidos com os conceitos de rizoma e transversalidade que criaram em momentos diferentes e que perpassam toda a produção filosófica que ambos legaram. O termo nômade-rizomático-transversal “intermezzo”<sup>9</sup> que aparece nas três epígrafes acima constitui a intercessão entre a tríade conceitual e, concomitantemente, permite perceber o elo comum entre eles.

É plausível, portanto, considerar Félix Guattari tanto um *filósofo nômade*, devido a sua atitude de não se entrincheirar em sistemas fechados e institucionais de pensamento, mas por passear e se enveredar por diversos caminhos, sempre abertos a novas rotas. Ou um *intelectual rizomático*, por perceber a permanente capacidade de estabelecer múltiplas e intermináveis conexões com diferentes saberes, sem rompimentos abruptos, definitivos e clausurantes. Ou, um *pensador transversal*, quando defende que o conhecimento não é linear, onde o *começo* e o *fim* são mais importantes a ponto de limitar o *meio* apenas àquilo que os separa e os liga; mas que diferentemente, apresenta o meio de forma autônoma, como aquele que mantém um movimento em várias direções. Ser nômade, rizomático e transversal é estar sempre entre... Como afirmam Guattari e Deleuze, no já citado Mil platôs. “*Entre* as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio.” (1995, Vol. 1, p. 36).

Quando Guattari pensa a crise ecológica – cuja discussão geopolítica lhe foi contemporânea – ele o faz numa perspectiva nômade-rizomática-transversal. Não compreende nem analisa o conceito *ecologia* fragmentada e linearmente; mas, pelo contrário, busca investigá-lo a partir das infinitas possibilidades de relações com outras áreas de conhecimento, conceitos e experiências, sem a pretensão de aprisioná-lo em estruturas fechadas e isoladas. Pensar filosoficamente a ecologia, conforme Guattari exige uma clareza acerca dos três conceitos: pensamento nômade, rizoma e transversalidade. O conceito *ecosofia*, criado por Guattari, e que serve para fundamentar toda discussão que se segue, torna-se mais compreensível e palatável quando precedida pelas possibilidades de análise da realidade apontada pela trilogia conceitual. A *ecosofia*, portanto, é um conceito que surge e se justifica pela sua inserção e relação com o conjunto conceitual desenvolvido

---

volumes (edição brasileira). Cabe salientar que o conceito “*pensamento nômade*” também aparece nesta volumosa obra, mais especificamente no volume 5.

<sup>9</sup> Palavra masculina de origem italiana. Provém de “*inter'meddzo*”, que pode significar teatro, entreato, entremeio, intermezzo, entremez, intermédio.



durante as investigações pessoais que Guattari empreendeu ora individualmente ora em parceria com Deleuze.

### 2.3 As três ecologias de Guattari: pensando ecosoficamente a ecologia

Em mais de quarenta anos já foram promovidos muitos debates e acordos; direcionados e implementados diversas medidas e ações, tanto pela Organização das Nações Unidas (ONU), assim como também por outros diversos organismos público-governamentais, privados e não governamentais, seja a nível local, nacional e internacional, a respeito da crise ecológica que acompanha o planeta Terra desde então. E o que mais chama atenção ainda hoje é a conotação restritamente ambientalista que os orienta. Ora nos debates e acordos realizados e propostos – que nem sempre são assinados e firmados por todos os países que neles participam. Ora nas medidas e ações efetivas, que não surtem o efeito global desejado. A que se deve esse retardo avanço na mudança de atitude humana frente aos problemas ecológicos que afetam o mundo em que vivemos?

Guattari apresenta uma provocação ao modelo ético-político de pensar e agir sobre a ecologia, quando escreve em 1989<sup>10</sup> - poucos anos antes de falecer – o livro *As três ecologias*. De imediato, após uma atenta primeira leitura, percebe-se o tom nômade-rizomático-transversal perpassando a obra. Seja pela orientação teórica condensada no estilo e na linguagem utilizados, seja pela estrutura formal do texto escrito numa única peça, sem capítulos distribuídos em suas 56 páginas. O conteúdo do livro se confunde com a forma como foi escrito. “Não há diferença entre aquilo de que um livro fala e a maneira como é feito.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, Vol. 1, p. 11).

Guattari não reserva uma seção para explicar cada uma das três ecologias, pois acredita que por estarem todas conectadas não seja possível abordá-las separadamente. Inferir sobre uma ecologia supõe inferir sobre as outras duas simultaneamente. As três ecologias devem ser analisadas como elementos de um mesmo organismo, caso contrário não haverá garantias de sucesso para qualquer ação realizada com o objetivo de preservá-las. Pensar ecologicamente, para Guattari, consiste em pensar as três ecologias como ramos de um rizoma que se conectam recíproca e constantemente.

Quando se concentra as atenções exclusivamente para uma das ecologias em detrimento das outras ocorre uma pseudoecologia, há um falso encaminhamento de resolução do problema, e para todos os efeitos não se alcança o resultado eficaz pretendido, pois as outras ecologias não foram sequer sujeitadas à discussão. É justamente a respeito deste ponto frágil da ecologia –

---

<sup>10</sup> A primeira edição brasileira de *As três ecologias* é de 1990, pela editora Papirus.



hegemonicamente defendida – que Guattari oferece sua contribuição filosófica ao trazer para o debate a concepção de três ecologias<sup>11</sup>.

Dados estatísticos e imagens podem contribuir razoavelmente para aguçar e ampliar a compreensão sobre as três ecologias abordadas por Guattari em sua perspectiva ecosófica. Dessa forma, as informações e imagens selecionadas e registradas permitem ilustrar as nuances entre as três ecologias, a princípio agrupadas e analisadas separadamente, mas ao final, compreendidas ecosoficamente. As informações e temas apontam e ilustram situações vinculadas a questões ambientais, sociais e individuais. Mas só foram distribuídas nas tabelas e figuras especificamente dados sobre a ecologia ambiental e social, como podem ser visualizadas a seguir<sup>12</sup>.

A respeito da ecologia ambiental tratou-se por pontuar dois grandes problemas recentes no Brasil: desmatamentos na Amazônia e desastres ambientais, especificamente o ocorrido em Mariana (MG) em 2015. Sobre os desmatamentos, estudos realizados Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), mostram o aumento elevado entre os anos 2019/2020 e 2018/2019, mas quando comparado com o ano 2017/2018, o aumento foi superior a 50% de desmatamento. (ESCOBAR, 2020) [VER TABELA 1]. Em Mariana, o desastre ambiental que com maior impacto destrutivo na história do Brasil, a lista de prejuízos é tão extensa. Mais de 60 milhões de m<sup>3</sup> de rejeitos de minério constituídos basicamente da mistura de óxido de ferro, água e lama; infertilidade do solo devido à secagem da lama espalhada [VER FIGURA 1]; poluição e alteração do curso dos rios da região; destruição da mata ciliar; falta de abastecimento de água devido à contaminação dos rios; perda do sustento básico (pesca e agricultura) e da moradia de centenas de pessoas<sup>13</sup>. Somam-se a isso, os impactos à saúde mental e psíquica de todas as pessoas afetadas diretamente com as consequências do desastre. (RODRIGUES, 2016, p. 169).

---

11 A ecologia era um entre os variados temas que despertava o interesse de Guattari. Informações biográficas apresentam que a atenção que Guattari dispensava à ecologia remonta a um período anterior à publicação de *As três ecologias*, no momento em que o seu ativismo político o fez participar como membro de uma grande organização ecológica no início da década de 1980. As informações não são totalmente precisas e confiáveis devido à fonte bibliográfica da qual foram consultadas. Portanto, as conclusões a respeito dessa militância ecológica permanecerão no nível da conjectura e da verossimilhança.

12 Tanto as tabelas como as figuras foram utilizadas para agregar informações estatístico-imagéticas acerca das três ecologias. Não se pretendeu com isso apresentar uma análise minuciosa sobre as informações e imagens por elas veiculadas.

13 Os impactos arrolados acima foram publicados no site EcoDabate (05-02-2018).

**TABELA 1** – Desmatamento no Brasil (Área por ano) 2015-2020

Ano de referência (Agosto/Julho)	Área Agregada (km <sup>2</sup> )
2015/2016	5.377 km <sup>2</sup>
2016/2017	4.639 km <sup>2</sup>
2017/2018	4.571 km <sup>2</sup>
2018/2019	6.844 km <sup>2</sup>
2019/2020	9.205 km <sup>2</sup>

Fonte: <https://jornal.usp.br/ciencias/desmatamento-da-amazonia-dispara-de-novo-em-2020/>  
Dados obtidos na plataforma TerraBrasilis/ CC BY AS/INPE/DETER.

**FIGURA 1** – Desastre de Mariana - Visão geral de Bento Rodrigues



Fonte: Foto: Bruno Milanez, 2015. (2016, p. 20-21)

Os impactos sobre o meio ambiente como os ocorreram e permanecem latentes em Mariana repercutem na sociedade e nos indivíduos das regiões afetadas, demonstrando dessa forma a relação direta entre a dimensão ambiental com as dimensões social e mental da ecologia. Mas esta relação também parte tanto da dimensão social como da mental.

Entre os diversos exemplos de problemas vinculados a dimensão social da ecologia, pode ser mencionada a ausência de moradia para milhares de pessoas em muitas cidades no mundo. No Brasil, o volume de moradores de rua vem aumentando exponencialmente ao longo dos últimos oito anos. Em estudo realizado e publicado em 2020 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) apontou-se para uma estimativa preocupante quanto ao crescimento desse segmento social nas



idades brasileiras [VER TABELA 2]. A cidade de Feira de Santana na Bahia, não fica fora da lista de cidades que registram a existência de moradores de rua [VER FIGURA 2].

**TABELA 2** - Número estimado de pessoas em situação de rua no Brasil (set./2012-mar./2020)

Ano de referência	Quantidade de pessoas (de 50.000 a 250.000) Inicial e final
2012 (Set/Dez)	96.560
2013 (Mar/Dez)	96.560 / 95.933
2014 (Mar/Dez)	105.270 / 108.029
2015 (Mar/Dez)	120.575 / 125.631
2016 (Mar/Dez)	137.849 / 139.720
2017 (Mar/Dez)	156.898 / 164.329
2018 (Mar/Dez)	183.020 / 186.480
2019 (Mar/Dez)	202.631 / 206.691
2020 (Mar)	221.869

Fonte: [https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota\\_tecnica/200612\\_nt\\_disoc\\_n\\_73.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200612_nt_disoc_n_73.pdf)

**FIGURA 2** – Moradia abaixo de viaduto em Feira de Santana - BA



Fonte: Fotografia elaborada pelo autor.

Por fim, a dimensão mental, que se refere diretamente ao indivíduo. Os dados compartilhados e atualizados sobre os casos de doenças mentais e psíquicas entre a Organização Mundial da Saúde



(OMS) com outros órgãos internacionais como a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) indicam o aumento desses transtornos. Apenas para citar um desses transtornos, estima-se que a depressão, por exemplo, afeta mais de 200 milhões de pessoas no mundo em 2020<sup>14</sup>. Considerando que os dados atuais levam em conta os efeitos da pandemia da COVID-19 (isolamento e redução de contato com outras pessoas) contribuíram com a elevação do volume de afetados. O contingente de pessoas acometido com depressão serve evidenciar sua incidência como reflexo de um problema ecológico em âmbito individual, diretamente vinculado com as dimensões ambiental e social da ecologia, conforme Guattari.

Analisadas precipitadamente, tanto os dados das tabelas 1 e 2, como as imagens expostas nas figuras 1 e 2 não permitem um claro e amplo entendimento sobre a ecologia, pois cada uma delas aparentemente ilustra problemas discrepantes e sem vínculo intrínseco. No entanto, em conjunto, tais imagens estão rizomática e transversalmente imbricadas, e revelam a face tripla da única realidade que compõem e fazem parte.

Desastres ambientais como os ocorridos em Mariana (2015), bem como o desmatamento na região amazônica, atingiram pessoas prejudicando suas estruturas mentais em nível individual, repercutindo em suas relações coletivas e sociais. Uma pessoa quando adoecer, afeta necessariamente outras pessoas em seu entorno. O meio ambiente afetando o ser humano individual e socialmente

Enormes contingentes de seres humanos, como refugiados, expulsos de suas terras, desprovidos de renda e residência, espalhados nas grandes cidades, denunciam a falta de cuidado com casa (Terra) – que deveria ser de todos – e flagram como o ambiente em que vivemos não é equitativamente partilhado. Torna-se improvável tal desigualdade social não afetar o mais recôndito da psique humana, afligindo-a em sua subjetividade. A dimensão social da ecologia interferindo diretamente no ambiente físico e nas pessoas que nele se encontram.

Dramas individuais de caráter psíquico e identitário, provocadas pela depressão e outras doenças similares, somadas aos excessos do individualismo hodierno, provocam efeitos imediatos nas relações sociais, que se transformam em situações marcadas ora pela indiferença de muitos, ora pela solidariedade de outros. A sociedade convalesce na medida em que seus membros individualmente adoecem, e consequentemente o ambiente em que vive.

A imagem da marionete [VER FIGURA 3] ilustra a perspectiva epistemológica de Guattari.

---

<sup>14</sup> Policy Brief: COVID-19 and the Need for Action on Mental Health 13 MAY 2020. Disponível em: <[https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/un\\_policy\\_brief-covid\\_and\\_mental\\_health\\_final.pdf](https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/un_policy_brief-covid_and_mental_health_final.pdf)>. Acesso em: 25 Nov. 2020.



Os fios da marionete, considerados como rizoma ou multiplicidade, não remetem à vontade suposta uma de um artista ou de um operador, mas à multiplicidade das fibras nervosas que formam por sua vez uma outra marionete seguindo outras dimensões conectadas às primeiras. (1995, Vol. 1, p. 15).

As três ecologias são como os fios da marionete. Mover um fio significa mover os outros, mas o movimento da marionete só apresenta significado por que os fios estão conectados numa trama independente de quem os opere. Decerto, independente de quem execute a tarefa de investigar as diferentes ecologias, estas se manifestam porque fazem parte de um mesmo sistema, estão em rede, rizomaticamente. Não se pode dissociar natureza, sociedade e indivíduo, pois estão constantemente juntas e se constituem numa tríade inseparável e interdependente. O que afeta um, repercute diretamente nas outras duas.

**FIGURA 3** – A Terra (natureza – indivíduo – sociedade) como Marionete



**Fonte:** Arte criada pelo autor.<sup>1</sup>

Para Guattari, a chave que abre a janela para um novo horizonte perceptivo sobre a ecologia é o conceito *ecosofia* criado e densamente discutido inicialmente por ele em “*As três ecologias*”, e logo a seguir em seu último trabalho “*Caosmose*”, de 1992. Em *As três ecologias* o conceito é apresentado por Guattari em seus primeiros parágrafos:

As formações políticas e as instâncias executivas parecem totalmente incapazes de apreender essa problemática no conjunto de suas implicações. Apesar de estarem começando a tomar uma consciência parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades, elas geralmente se



contentam em abordar o campo dos danos industriais e, ainda assim, unicamente numa perspectiva tecnocrática, ao passo que só uma articulação ético-política — a que chamo *ecosofia* — entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões. (1990, p. 8)

A crítica que Guattari faz aqueles que se debruçaram politicamente sobre a crise ecológica gira em torno da incapacidade destes em se apropriar de maneira segura e ampla do problema da ecologia e de não visualizar a questão para além do meio ambiente. Ele reconhece a relevância da necessidade de dispensar atenção sobre os *perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente* — porém, ainda assim se trata apenas de uma tomada de *consciência parcial*. Parcial e limitada aos prejuízos físicos causados pela industrialização. Portanto, o que resta a fazer é articular a *ecologia ambiental* — única ecologia percebida e analisada pelos ambientalistas e instituições políticas — à ecologia social e à ecologia mental. Contudo, é relevante ressaltar que a articulação das três ecologias, equivale a estabelecer um esforço em reconhecer que as três ecologias sempre foram articuladas. Trata-se de perceber a transversalidade que as une, pois o pensar e agir sobre o ambiental corresponde a pensar e agir concomitantemente sobre o social e o mental. As condições em se encontram a natureza física (ecologia ambiental), as relações sociais (ecologia social) e a subjetividade (ecologia mental) estão concatenadas, portanto, são interdependentes. Uma consciência mais aguçada deveria perceber esta articulação. Neste sentido, Guattari insiste em afirmar que.

Não seria exagero enfatizar que a tomada de consciência ecológica futura não deverá se contentar com a preocupação com os fatores ambientais, mas deverá também ter como objeto devastações ambientais no campo social e no domínio mental. Sem transformações das mentalidades e dos hábitos coletivos haverá apenas medidas ilusórias relativas ao meio material (GUATTARI, 1992, p.173).

O crítico desavisado e afoito dessa perspectiva ecosófica por certo afirmará apressadamente que pensar o ambiental e propor medidas, acordos e ações concretas de preservação do ecossistema e da biodiversidade; de promoção da sustentabilidade, já se configura em pensar o social e o humano. O meio ambiente conservado e protegido garantiria a sobrevivência da espécie humana e da sociedade. A fugacidade e o simplismo dessa convicção parecem incomodar Guattari, estimulando-o a desenvolver esta leitura mais abrangente sobre ecologia. Mas em que consistem essas outras duas ecologias, a social e mental? Como podemos percebê-las? Como, de fato, estão articuladas? Para tal objetivo, Guattari procura, ao longo do texto, descrever as três ecologias evidenciando-as a partir de sua ausência e das possibilidades que elas oferecem, e quando realiza esta tarefa se detém em apresentar eventos e situações histórico-culturais ocorridas em décadas que antecederam sua análise.



Para evidenciar a ecologia mental, Guattari aponta, por exemplo, a incapacidade do ser humano em perceber-se e de analisar a sua própria humanidade com autonomia, sem interferências exógenas. Quando os indivíduos deixam-se manipular pela padronização do comportamento veiculada por diversos agentes externos e seus mecanismos, só conseguem enxergar aquilo a que são induzidos enxergar. Para ele, uma ecosofia mental deve conduzir os homens a buscarem “antídotos para a uniformização midiática e telemática, o conformismo das modas, as manipulações da opinião pela publicidade...” (1990, p. 17).

Há uma crise ecológica quando os indivíduos apenas pensam sem executarem a rigorosa tarefa de “apreender a si mesmo” (1990, p. 18). O simples fato de pensar – numa perspectiva cartesiana – não garante uma existência do ser humano, pois outras existências são criadas e impostas à consciência humana. Apreender a si mesmo corresponde a tomar consciência que pensar exige do indivíduo a capacidade de não se prender a existências preestabelecidas. E para realmente sentir-se desprendido dessas existências é imprescindível ter consciência de sua existência. Na medida em que o indivíduo não se percebe atrelado a tais existências – em estado “terminal”, segundo o próprio Guattari – não torna possível o princípio ecosófico de promover a emancipação do sujeito, que por deixar sua mente opaca, torna-se mero reprodutor de discursos e subjetividades alheias, assumindo – dessa forma – uma existência que lhe é estranha e desumanizante. Ser um sujeito ecosófico corresponderia a apropriar-se da inerente capacidade de pensar sobre si mesmo, em desenvolver mecanismos de produção de subjetividade, com autonomia, permitindo o direcionamento a uma “re-singularização individual” da própria existência. (1990, p. 15).

A abordagem sobre a produção de subjetividade apresentada acima também serve para orientar a análise sobre a ecologia social. As subjetividades alheias e externas que tolhem a autonomia das singularidades individuais igualmente sufocam e massificam as singularidades coletivas. Por isso, Guattari afirma reiteradamente que a produção de subjetividade deve pautar-se a partir de “ritmos e ritornelos<sup>15</sup>” (1990, p. 19), como num movimento de ir e vir, considerando a subjetividade como um conceito em constante trânsito, que não se limita em pontos de chegada fixos, definitivos ou pré-estabelecidos. A re-singularização da subjetividade – seja individual seja coletiva – deve ser pensada conforme os três movimentos imbricados no conceito ritornelo: *territorialização*, *desterritorialização* e *reterritorialização* criados por Guattari e Deleuze. Para esclarecer o conceito ritornelo e seus movimentos, Deleuze ilustra da seguinte maneira:

---

<sup>15</sup> Grifo meu. O conceito foi criado por Guattari e Deleuze em *Mil Platôs* e retomado em *O que é Filosofia?*.



Eu me pergunto: “Quando é que cantarolo?” Cantarolo em três ocasiões: quando dou uma volta pelo meu território e tiro o pó dos móveis. O rádio está ao fundo. Ou seja, quando estou na minha casa. Cantarolo quando não estou em casa e estou voltando para casa ao anoitecer, na hora da angústia. Procuo meu caminho e me encorajo cantarolando. Estou a caminho de casa. E cantarolo ao me despedir e levo no meu coração... (1988, p. 76)

Para produzir singularizações da subjetividade, o indivíduo e a coletividade precisam executar os mencionados movimentos. Ora tendo consciência sobre a própria subjetividade. Tratando de vivenciá-la, percebê-la e apropriá-la (territorializar-se). Ora analisando a subjetividade, suas particularidades, dimensões e circunstâncias, como quem a observa de fora, mas sem perder o vínculo (desterritorializar-se). Ora, re-experimentando a subjetividade numa perspectiva diferente, reafirmando e renovando o elo que possui com ela (reterritorialização). Os três movimentos ocorrem de maneira simultânea, como num movimento circular, ininterrupto. Não existe uma lógica de sucessão entre os movimentos. A sucessão implica numa perspectiva linear, com início, meio e fim. Definição, conclusão, sem reticências... O conceito ritornelo supõe sempre um retorno entre um movimento e outro.

A ecosofia sugere do triplo movimento que o ritornelo estabelece. Por isso quando o indivíduo ou a coletividade estabelecem o percurso a partir de um único movimento linear, com o objetivo de atingir uma produção de subjetividade definitiva, limita-se a capacidade de compreendê-la plenamente em razão da ausência de re-singularização. Quando o indivíduo e a coletividade não conseguem enxergar que a subjetividade por eles produzida deve ser autônoma e singular, aberta a constantes releituras e retornos, é possível que estejam enclausurados numa subjetividade que foram forçados a assumir por agentes exógenos, como os agentes do *Capitalismo Mundial Integrado* (CMI) apresentado por Guattari.

O Capitalismo Mundial Integrado (CMI) é um termo empregado por Guattari para caracterizar a fase em que o capitalismo se encontrava em meados do último quartel do século XX. Seus agentes – mecanismos, instituições, ou quais forem outros nomes que recebam – funcionam para atender um objetivo bem claro: sempre rejeitar e jamais admitir a produção de subjetividades re-singularizadas. Duas décadas após *As três ecologias*, este capitalismo descrito por Guattari continua agressivo e proporcionalmente sutil. A sutileza vela a agressividade típica desse sistema secular. Para esclarecer a sutil estratégia do atual CMI, Guattari afirma que este tende

cada vez mais, a descentrar seus focos de poder das estruturas de produção de bens e de serviços para as estruturas produtoras de signos, de sintaxe e de subjetividade,



por intermédio, especialmente, do controle que exerce sobre a mídia, a publicidade, as sondagens etc. (1990, p. 31)

A lógica dessa estratégia do CMI visa a anular a existência e sobrevivência de subjetividades autônomas que ameacem a manutenção dos mecanismos que o sustentam. Nessas condições, pensar em ecologia enfatizando apenas seu aspecto ambiental corresponde a uma ação coerente e confortável para o capitalismo atual, pois desvia o foco de outras crises que – uma vez ocultas – não prejudiquem o principal elemento que o estimula: o consumismo. E aquilo que envolve o consumismo, não só de bens materiais, mas também de subjetividades, provoca em escala mundial as crises ecológicas em seus domínios mental e social que Guattari tanto enfatiza.

Por isso, Guattari insiste em afirmar que opor-se às operações e estratégias do CMI sobre a vida humana no planeta deve partir da percepção sobre seus efeitos numa perspectiva ecosófica, enxergando-os tanto a nível mental, social como ambiental. Não somente sobre este último, como tem sido até agora. Pensar as três ecologias consiste em “encarar seus efeitos no domínio da ecologia mental, no seio da vida cotidiana individual, [domínio da ecologia social]<sup>16</sup> doméstica, conjugal, de vizinhança” (1990, p. 33). E exponencialmente, no domínio da ecologia ambiental, na relação de cuidado com a natureza, com a própria casa.

Como já foi explorado anteriormente, enquanto que pela ecologia mental, os indivíduos são estimulados a desenvolver uma autônoma produção de subjetividade. No que se refere à ecologia social, Guattari propõe literalmente que se trata de “desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho” (1990, p. 15). Uma ecologia mental requer uma ecologia social, que juntas exigem uma ecologia ambiental. Negar o vínculo entre os três registros é nocivo e um desserviço à humanidade.

Não é justo separar a ação sobre a psique daquela sobre o *socius* e o ambiente. A recusa a olhar de frente as degradações desses três domínios, tal como isto é alimentado pela mídia, confina num empreendimento de infantilização da opinião e de neutralização destrutiva da democracia. Para se desintoxicar do discurso sedativo que as televisões em particular destilam, conviria, daqui para frente, apreender o mundo através dos três vasos comunicantes que constituem nossos três pontos de vista ecológicos. (1990, p.24)

Uma análise sensata e coerente da realidade ecológica que a humanidade vivencia hodiernamente não pode pautar-se num paradigma mecânico e compartimentalizado, tal como preconiza a lógica capitalística. É urgente e necessária uma abordagem sistêmica, transversal,

---

<sup>16</sup> Grifo meu.



ecosófica. Perceber a comunicação e a interação infinita entre as três ecologias exige dos seres humanos um esforço ininterrupto e simultâneo de desintoxicação mental, de ampliação do olhar sobre si mesmo enquanto pessoa e sujeito; de percepção de sua condição enquanto indivíduos sociais – inseridos em diferentes grupos em momentos distintos da vida; e do vínculo inseparável com o ambiente físico e natural no qual estão imersos. Esse exercício não se configura como uma tarefa agradável, pois desestabiliza e desloca o indivíduo de zonas de conforto e comodidade difíceis de prescindir. Uma postura ecosófica nos direciona ao conflito e ao confronto, que por sua vez, incomodam a neutralidade imbecilizante e medíocre a qual somos estimulados a assumir.

### **3 Considerações finais**

Quando se insiste em enxergar os problemas ecológicos que afetam o planeta e deliberar ações resolutivas sobre eles com base numa perspectiva restrita e fragmentada configura-se numa postura equivocada e nociva. A contra proposta de Guattari em articular três interfaces ecológicas exige um esforço ético-político abrangente, que não limite seu foco apenas no registro ambiental, mas estabeleça a conexão deste com os registros mental e social.

É nítido que a perspectiva guattariana não encontra eco nas instâncias políticas que regulam as ações direcionadas às questões ecológicas da atualidade. Seja por limitações perceptivas e/ou ausência de interesse, a visão que prevalece a respeito da ecologia continua restrita a aquilo que surge com mais evidência aos olhos. Como os desastres ambientais desencadeiam efeitos danosos imediatos e facilmente mais notados, eles ofuscam crises de ordem mental, como doenças psíquicas e crises de subjetividade; e problemas de ordem social, como fome, desemprego e perda de direitos, que na maioria das vezes, não são associados nem compreendidos como ecológicos.

É relevante, portanto, resgatar e entender a postura ecosófica sobre as três ecologias proposta por Guattari. Este resgate pode ser direcionado ao público humano que possui e apresenta ainda a sensibilidade e a capacidade de perceber a intrínseca ligação ecológica entre o mental, o social e o ambiental. Guattari aponta que existe tal público, formado por pessoas que resistem às consequências de um entendimento e posicionamento reducionista e ineficaz disseminado pelo poder de manipulação capitalístico que persiste em existir no momento em que vivemos.

### **Referências**



ABRAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. Tradução de Alfredo Bossi (1ª edição) e Ivone Castilho Benedetti (textos novos). 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DELEUZE, Gilles. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Entrevista com G. Deleuze, 1988. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.Deleuze.pdf>> Acesso em: 10 nov. 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Vol. 1. São Paulo: 34, 1995.

\_\_\_\_\_. Tradução de Suely Rolnik. Vol. 4. São Paulo: 34, 1997

\_\_\_\_\_. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Vol. 5. São Paulo: 34, 1997.

FIGURA 1. MILANEZ, Bruno. Visão geral de Bento Rodrigues. In. MILANEZ, Bruno; LOSEKANN, Cristiana. (Orgs.) *Desastre no Vale do Rio Doce: antecedentes, impactos e ações sobre a destruição*. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2016. p. 20-21. Disponível em: <<http://ftp.medicina.ufmg.br/osat/ebook/2017/desastre-no-vale-do-rio-doce-16-03-2017.pdf>> Acesso em: 23 Nov. 2020.

FIGURA 2. REIS, Wagner Alves. Moradia abaixo de viaduto em Feira de Santana. 1 fotografia. 5184 x 3456 pixels. 29 Nov. 2020.

FIGURA 3 - A Terra (natureza – indivíduo – sociedade) como Marionete. Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/images/search/marionete/>>; <[https://br.freepik.com/fotos-gratis/globo-planeta-terra-espaco-mundo\\_669209.htm](https://br.freepik.com/fotos-gratis/globo-planeta-terra-espaco-mundo_669209.htm)> Acesso em: 22 Nov. 2020.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. 11 ed. (2001), Campinas, SP: Papirus, 1990.

\_\_\_\_\_. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão, 6 reimp. (2006), São Paulo: Ed. 34, 1992.

RODRIGUES, Daiana Elias et al. Algumas análises sobre os impactos à saúde do desastre em Mariana. (Cap. 4). In. MILANEZ, Bruno; LOSEKANN, Cristiana (Orgs.). *Desastre no Vale do Rio Doce: antecedentes, impactos e ações sobre a destruição*. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2016. (p. 163-193).

TABELA 1. ESCOBAR, Herton. Desmatamento da Amazônia dispara de novo em 2020. In. *Revista da USP*. (online). Postagem: 07/08/2020. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/desmatamento-da-amazonia-dispara-de-novo-em-2020/>> Acesso em: 22 Nov. 2020.

TABELA 2. NATALINO, Marco. Estimativa da população em situação de rua no Brasil (setembro de 2012 a março de 2020). Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Nota Técnica, nº 73, Junho/2020. Disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories//nota\\_tecnicam\\_73.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories//nota_tecnicam_73.pdf)> Acesso em: 22 Nov. 2020.

*TRAGÉDIA de Mariana: entenda os impactos ambientais causados pelo desastre*. 05 Fev. 2018. Disponível em: <<https://www.ecodebate.com.br/2018/02/05/infografico-tragedia-de-mariana->



[entenda-os-impactos-ambientais-causados-pelo-desastre/](#)> Acesso em: 28 Nov. 2020. ISSN 2446-9394,

**Recebido: 04/02/2021**

**Aceito: 20/03/2021**